

UM ANO DA ADMINISTRAÇÃO DO BIÊNIO 2005 - 2007



Diretoria:

Presidente	-	Ezequiel Ferreira
Vice-Presidente	-	Jose Moisés Domingues Pereira
Secretário Geral	-	Arlene dos Santos
Diretor de Finanças	-	Lupércio de Albuquerque
Diretor de Eventos	-	Maria Tereza Lara dos Santos
Diretor de Políticas Públicas	-	Adalberto Farias de Santana
Diretor de Políticas Sociais	-	Hotair da Silva Souza
Conselho Fiscal 1º Membro	-	Valentina da Costa
" " 2º Membro	-	Elaine Souza Ferreira
" " 3º Membro	-	Kelly Cristine Souza Magalhães

Deixa o Povo Votar

VILA DOIS RIOS - 18/09/2006. Hoje, completa-se um ano de administração de Ezequiel Ferreira, eleito cento e onze dias depois, do referendo realizado e aprovação do seu nome para presidente da Associação de Moradores da Vila Dois Rios, com o "SIM" de 99,99% dos votos válidos.

O marasmo da administração antecessora, provocou o Referendo. Com este título dou início a narração do segundo mais longo processo eleitora da Vila Dois Rios, que

resultou-se, no primeiro mandato de Ezequiel Ferreira; o primeiro processo longo, foi para a primeira Eleição, quando ainda estava na fase de fundação da Instituição, quase um ano, demorou-se para criar a Associação e, se, realizar a primeira Eleição. Agora foram três meses e meio. Ou seja. O Processo eleitoral de 2005 começou assim: Primeiro foi realizado no dia 28/05/2005, um referendo que decidiu em uma hora e trinta minutos o rumo do pleito daquele



ano; pelo menos esta vez foi assim na Associação de Moradores da Vila Dois Rios. Como será daqui para frente?

Se quarenta e quatro moradores eleitores ao votar no candidato preferido julgou abolido naquele dia o pluralismo da competição de chapas. E acabara neutralizando a competição, conforme manda o regulamento estatutário arregimentado.

E, depois do armistício, colocaram em prática a votação do referendo por 30 minutos entre três candidatos.

Os dois da oposição saíram derrotados, mesmo antes de chegar as urnas que mais tarde elegeria o novo presidente.

Sem tempo para a reflexão da comunidade sobre o seu próprio conteúdo e, por isso correu o risco de não haver tempo para implantar inovação alguma.

Na ocasião havia os que alegavam que, ia sair caro. Ora, segundo o futuro da sua consciência, seu custo poderia ser de elevadas importâncias.

Pois só com o tratamento de expediente, os cofres da Vila gastavam tudo a cada ano com os transportes.

Se multiplicássemos o número 44 de eleitores votantes num ano por valor da contribuição de mensalidade, concluiríamos que o referendo, foi um bom negócio - veio sair barato. Além do mais, há de se admitir que ele vai redirecionar o eleitorado, para eleger os candidatos da máquina municipal.

Ao questionar esta prática. Verifica-se que em muitas sociedades que adotam o referendo, prevendo a preferência para o lançamento de uma chapa única. Proíbe ao mesmo tempo com mecanismo adequado, que o armistício se realize próximo as eleições, porque, estas paritizarizam aquele.

De modo que, num voto de protesto contra um processo, o eleitor acaba votando contra os direitos individuais de si próprio ter acesso aos parâmetros da sociedade através de meios que foram feitos para ele. Simultaneidade

nem pensar... Pois distorções como esta pode acabar em proibição, por força maior. A lei.

Debater a questão de pluralismo de chapas é o mais aconselhável na pequena comunidade, como a Vila Dois Rios, isto é essencial. Por um outro lado. Misturar estes processos com as eleições é ocultar um tema no meio das proposições particularizadas, que pode confundir o povo. Não é aconselhável.

Naquele dia leves observações mostraram uma série de erros, que entre maioria dos eleitores, pretendiam ver esclarecidas. E não foram:

- Era para votar contra o regimento interno, que vem penalizando a sociedade na hora de organizar suas chapas. Dar mais facilidade ao arranjo litigante. E, não suprimir coisíssima alguma e, nem interromper uma cadência. O referendo tem por finalidade resolver as questões e aperfeiçoar a democracia. Deixa o povo votar...

Cento e onze dias depois do referendo veio o "SIM" ou "NÃO". O sim venceu com 99,99% dos votos válidos. Isto foi a eleição que se realizou no dia 18/09/2005, simplesmente, para confirmação do atual presidente da Associação de Moradores da Vila Dois Rios, tão pequena e tão polêmica nas coisas da agremiação da comunidade.

Feito isto, Ezequiel Ferreira, no mesmo dia, foi recebido na sede, de trunfo na mão: administrar com todos os poderes civis e militares atribuídos a uma pessoa na chefia de uma entidade. Hoje, aí está um presidente por inteiro, e não dividindo a entidade, como dantes era o trono, de um lado e outro não. Foi o salvador da pátria que passou a ocupar a vaga por final de mandato de Nuno Nunes..., numa tarde de reconciliação da comunidade e de belas análises do povo que o saudou. Atualmente muito satisfeita.

A sua posse foi no ato da Eleição, logo após o encerramento e a contagem dos votos, sem nenhuma cerimônia, dada a necessidade de retomar a marcha...



E, por isso não houve discurso a narrar e, nem recebimento do patrimônio e documentos. Tudo isto veio por mãos de terceiros.

Todos os moradores da Vila Dois Rios e, da Ilha Grande, sabem muito bem os caminhos que Ezequiel, percorreu antes de ingressar na Associação.

A convivência amiga, mais de trinta anos, talvez, prejudique um pouco, a intenção de quem quer que seja, para falar de Ezequiel Ferreira, com objetividade, porque a emoção insiste em se misturar com a memória que nós guardamos dele, e se somar a justificada admiração pelo grande morador e participante da vida comunitária, as coisas se complicam mais ainda.

Mas é que, para o seu eleitorado este imenso respeito pelo morador Ezequiel e homem público se teceu dentro do clã, com fios quase domésticos:

- Fosse ouvindo seus palpites, em conversas no lazer, no trabalho em grupo, fosse ponderando suas sugestões para as rotinas da Vila; Ezequiel Ferreira e outras pessoas. Muitas das vezes ensaiavam no Nestor Veríssimo, com as famílias uma brincadeira. Fosse nas comemorações de datas, ornamentação do salão da festa popular...-, que muitas das vezes nem chegava a sair, conforme aconteceu, nos anos finais já fracassados - à sombra do arranjo que ele inventava no Centro Social Nestor Veríssimo, no início dos anos 80, e, ou final... Nessas ocasiões, ouvia-se de Ezequiel, conceitos que nunca mais são esquecidos, sobre a vontade de ajudar a comunidade da Vila, relevava a necessidade de se fazer, o que se há de melhor, abolir conceitos, negativos de risco e de excesso normativos, impendendo a melhora do lugar. Pura bondade de importância crucial, que requer, para o bom administrador. Sinal de verdadeira habilidade.

O fato é que, ali o grande morador não era um figurão distante e abstrato. Era alguém próximo dos problemas do lugarejo, vivo, entusiasmado e divertidíssimo.

Com a ocupação de Ezequiel na direção da Associação, passa a Vila Dois Rios a ter um nativo do rebento familiar que ainda existe entorno de umas cinco famílias. Apresenta muito no carinho, com que a Vila, é tratada atualmente:

- De início, deu mais peso e ênfase, para consertar os assuntos externos da entidade. Era o que mais havia de urgente. Logo surgiu efeito - a Vila foi iluminada por duas ou três vezes. A limpeza melhorou - foi colocado em prática o sistema de roçada do mato. O setor de pesca voltou a funcionar - chegando ao ponto de se ter mais de dez homens trabalhando na pesca. O transporte, esse nem se fala, o que era uma aberração, passou a ser considerado eficaz, operante o tempo todo.

Além disso. Três fatos chamou atenção:

- A prática do recolhimento do lixo, ordeira e firme.

- A substituição da Toyota velha pela nova.

- A recuperação da quadra.

A caixa de economia da Associação. De todos, o mais importante fator. Tomou tenência, ganhou fôlego, a conta bancária reavida, as dívidas foram sanadas. Pagas gradativamente durante este ano que se passou num total equivalente a R\$ 900,00, à Receita Federal, multas relativas aos anos anteriores.

O Conselho Fiscal que era perro, passou a funcionar e, aí tivemos a caixa em dia, saldos a vista diariamente, mensalmente os demonstrativos descritivos foram feitos e conferidos para a distribuição, nas Assembléias que são convocadas trimestralmente para leitura da caixa e outros assuntos pendentes. Com o resumo abaixo pode-se ter uma idéia:

SETEMBRO de 2005	
Saldo + arrecadação	- R\$ 0.361,00
Despesas	- R\$ 0.038,14
Saldo	- R\$ 0.322,86
OUTUBRO	
Saldo + arrecadação	- R\$ 1.677,86
Despesas	- R\$ 0.590,91
Saldo	- R\$ 1.086,95



NOVEMBRO		ABRIL	
Saldo + arrecadação	- R\$ 1.437,05	Saldo + arrecadação	- R\$ 1.983,12
Despesas	- R\$ 1.036,40	Despesas	- R\$ 1.005,04
Saldo	- R\$ 0.400,65	Saldo	- R\$ 0.978,08
DEZEMBRO		MAIO	
Saldo + arrecadação	- R\$ 1.020,65	Saldo + arrecadação	- R\$ 1.411,08
Despesas	- R\$ 0.544,66	Despesas	- R\$ 0.427,24
Saldo	- R\$ 1.475,99	Saldo	- R\$ 0.983,84
JANEIRO de 2006		JUNHO	
Saldo + arrecadação	- R\$ 2.339,11	Saldo + arrecadação	- R\$ 1.201,84
Despesas	- R\$ 0.649,15	Despesas	- R\$ 565,12
Saldo	- R\$ 1.689,96	Saldo	- R\$ 636,72
FEVEREIRO		JULHO	
Saldo + arrecadação	- R\$ 2.494,96	Saldo + arrecadação	- R\$ 1.306,72
Despesas	- R\$ 0.848,31	Despesas	- R\$ 332,87
Saldo	- R\$ 1.646,65	Saldo	- R\$ 973,85
MARÇO		AGOSTO	
Saldo + arrecadação	- R\$ 2.146,45	Saldo + arrecadação	- R\$ 1.573,85
Despesas	- R\$ 0.911,33	Despesas	- R\$ 611,57
Saldo	- R\$ 1.235,12	Saldo	- R\$ 962,28

Cinquenta e três ofícios foram encaminhados e outro tanto foi recebido, e, mais alguns relatórios, para que, a entidade funcione.

Materiais de obra foram providenciado para recuperação da quadra de esportes "Agente Penitenciário ARINALDO A.SANT'ANA FILHO" Numa demonstração de valor da reforma que ressuscita uma das identidades da Vila.

Ezequiel partiu de um ponto, está muito distante ainda, da meta. Neste Um Ano, a AMVDR deixou de fi-

gurar nas páginas da desordem, inexistente desentendimentos, reduziu-se os casos graves de indisciplina de moradores, em fim moralizou-se uma Instituição Social até então considerada problemática. Tal fato não significa que os problemas da VILA DOIS RIOS fora sanado que os problemas que afligia a Comunidade fora suprido, que o Estado ou o Município, ou mesmo a UERJ através da Associação já o tenha resolvido.

O maior objetivo da Associação, é o bem-estar dos moradores.

## SEGUNDA PARTE

### PRESERVAÇÃO

A Associação de Moradores. Visando a preservação histórica e ambiental, buscando os meios auto-sustentável. A proposta de maneira alguma pode fugir ao respeito rigoroso à história e, à natureza e o bem-estar dos moradores da Vila. Para isso a Associação sempre esteve voltada à atividade pesqueira. Os trabalhos de recuperação dos transportes, o trabalho de recuperação da estrada. E tem projeto de recuperação das instalações da garagem e construir uma sede.

A garagem propriamente subte, os setores de mecânica, borracheiro, lanternagem/pintura/abastecer.

### EXPECTATIVA

A vida aqui é amarga e doce.

E, depois de tudo: momentos amargos e doces. Ai vem a parte poética da questão Dois Rios... Esta parte é o motor que faz a gente mover. Vila que teve uma eleição, que não é tudo; eleger um presidente do porte de Ezequiel, também, o que, não é tudo. É preciso que as pessoas se ajuntem e façam serviços comunitários. Para que a Vila volte a ser a terra -, terra mátria da infância -, aquele lugar de onde se leva a caixa de pandorra particular -, cheia de alegrias e tristezas, como o far-do agridoce que carrega-se por toda a vida.



### TERCEIRA PARTE

#### MÃOS QUE PODEM AJUDAR

Para exercer a característica social a Associação de Moradores da Vila Dois Rios tem que manter um setor chamado transporte, na base da mão que pode ajudar: Motoristas, mecânicos, soldador, e outras funções indiretas, tiradas ou não da diretoria; ligando todos ao presidente, dando-lhe apoio. Para, que sejam tomadas medidas e cuidados, necessários à conservação da frota, para o funcionamento da organização.

Motorista e manutenção são as mo-las-mestres, formadas, por um grupo de moradores, que vem dando certo e garantindo o funcionamento da Vila desde o começo da administração do Ezequiel, em 2005. Isso a comunidade deve muito ao Adalberto, Maurício, Jorge Buiú, ao Osias, também e ao próprio Ezequiel.

Neste espírito de mãos que podem ajudar. Está o subterfúgio: - "é preciso que as pessoas se ajuntem e façam serviços comunitários", o que mobiliza vários voluntários de todas as idades de dentro e de fora da diretoria.

Marcação dos carros, também, faz parte do processo de ajuda fundamental, desempenhada, nesta administração pelos membros do Conselho Fiscal: Tina, Elaine e Kelly - só neste Um Ano elas extrairam aproximadamente 264 mapas perfazendo um número próximo de 2.640 anotações, pessoal.

Soldador: Moisés e Marinho, estes dois tem feito de tudo para recuperar do chassi as chapas e travessões que recompõe o carro ao tráfego.

Pedidos de materiais para os carros, estas são tarefas para o Ezequiel e o Lupércio, aos órgãos públicos, para o transporte da população, escolares e, também, em casos urgentes - como de doentes.

A idéia de criar estes ajuntamentos de serviços perfazendo equipe, surgiu do próprio presidente. Em 2005, quando a Vila come-

çava dar sinal de estagnação, precisava de inovação, o pessoal passou a fazer ajuntamento, cada um desenvolvendo suas tarefas, no ser- viço que entendesse bem. Pouco tem- po depois, sete pessoas, se uniram para consertar a caminhonete velha com o chassi quebrado, foi um movimento, chamado Soldar o Chassi. O carro ficou inteirinho, rodando até ser substituído, levado para Angra. E deixou saudade de bom que era:

- A partir dessa iniciativa, viram que, podiam fazer mais e então surgiu o desempenho de cada um em sua parte fazendo um pouco. - Hoje, completa um ano. O que se pode dizer é, que, depois que se envolve, não tem como parar de ajudar.

Ainda merece se ressaltar - a Caixa de Economia que, também, tem feito muito. Está confiada, à Arlene dos Santos, desde o início mostrou lisura e firmeza no trabalho facilitando o Conselho Fiscal. Recebeu algumas doações, ajuda e contribuições nos varios meses. Para detectar os materiais que são necessários de compra a Arlene conta com a ajuda do presidente, que recebe, os pedidos da equipe de motorista e ou mecânico da manutenção, para depois solicitar os recursos da caixa. Verificando os mapas financeiros que são feitos pelo Conselho Fiscal mensalmente observa-se que, são recebidos em média, entre 7 e 9 pedidos de compra por mês.

Um outro quadro que, também, se destacou foi o setor de Eventos com a Tereze Lara dos Santos, um feito notável no mês de abril, trouxe enorme ajuda financeira ao custeio do transporte oneroso da caixa.

A pesca esbarrou na especialidade, produziu o que consumiu. Funcionando ajuda tanto; a mão não remunerada passa ser, projeto encailhado desencilha ao belprazer dos que estão ajudando hoje. FIM.



SONETO

Terras e Casas

São dois temas da Vila Dois Rios:  
São terras que não tem prefeitura,  
Não tem escritura.  
E o povoado aguarda pelos fios.

Não tem escritura.  
As casas são geralmente  
Velhas, pintadas raramente.  
Somente de pinura.

Quando não cai,  
Estão quase caindo,  
Sobre o arrimo.

Que delas não sai.  
Esperando e consumindo  
O tempo na visita do primo.

Quinta-Feira 27/07/06

**Editorial:**

HISTÓRIA DA CADEIA

A Penitenciária Cândido Mendes

Continuação da página 12 da 13ª Edição: que agora sozinho faz a segurança do local e, recomenda sempre uma porção de coisas aos visitantes. Recomendou-me boa sorte e disse esteja avontade. Subi para última laje, onde um dia o Chiquito esteve exibindo o pôster com a figura do seu chefe o Escadinha, dali via tudo, hoje nada vê "O Caldeirão do Diabo".

Debaixo daquelas lajes a primeira facção organizada foi criada "Favela Vermelha", ainda no tempo do famoso IPCM (Instituto Penal Cândido Mendes), batizado na manhã de 17 de setembro de 1979, com um banho de sangue humano numa luta do poder pelo domínio da massa carcerária contra uma outra facção que despontava dentro do cárcere a Jacaré. As escondidas tanto da Administração como também do poder paralelo. Os desafiantes foram acucados numa ala isolada da terceira galeria até que várias outras providências fossem tomadas por parte da Administração.

Ali, nesta luta dois grupos de internos foi identificados: um domi-

nante e um outro desafiador. Os imbatíveis tinha um intelectual chamado Willian da Silva Lima (Professor); um financiador chamado José Carlos dos Reis Ensina (Escadinha); um testa de ferro chamado Rogério Lengruber (Bagulhão), homem de muita coragem capaz até de se transformar num "homem-bomba" se fosse preciso para alcançar seus... Cont. na próxima edição.

Expediente

ÍNDICE	PÁGINA
DEIXA O POVO VOTAR	1, 2 e 3
DEMONSTRATIVO FINANCEIRO	3 e 4
PRESERVAÇÃO/E EXPECTATIVA	4
MÃO QUE PODEM AJUDAR	5
SONETO, TERRA E CASAS	6
POEMA, A DESTRUIÇÃO DA VILA	7
FUMACENTO E BOM CAMARADA	8
POEMA, PEDACINHO DE CHÃO	10

Os TEXTOS e ILUSTRAÇÕES - são da inteira responsabilidade de Hota-ir, Rua Paraná nº09. Vila Dois Rios - Ilha Grande RJ.



POEMA

A Destruição da Vila Dois Rios

Quando havia cadeia,  
Na Vila tinha alegria,  
Hoje, só tem tristeza  
E a falta de beleza.

Na Vila tinha alegria,  
Hoje, só tem tristeza  
E a falta de beleza.  
Na ausência da cadeia.

O homem lamenta  
Resmunga o tempo inteiro.  
Fala do tempo de cadeieiro,  
O homem chora.

O homem implora,  
Faz prosa e amizade,  
Fala de uma corrente presa na grade,  
Mas nada disso vigora.

Querem mesmo agora,  
Ver um cadeado a balançar,  
Ouvir uma risada solta no ar,  
Enquanto nós vamos embora.

Ainda não chegou a hora,  
Ainda não é hora de apagar lembrança da cadeia,  
Pensamento que incendeia,  
Muito embora tudo demora.

No espaço apertado agora,  
Recordando os tempos de carcereiro;  
Do interno corriqueiro,  
Que trabalhava aqui fora.

Isto nos devora.  
Lembrança que norteia:  
Queima, arde e aperreia  
O mundo todo agora.

A noite inteira ouve um preso a cochichar,  
Sua voz a levantar,  
No fundo do ser, havia um suspeito,  
Centenas de condenados, sem direito.

Há na esperança de que me recordo,  
Grito de dúvidas que escuto,  
Na fala do homem bruto,  
Lamenta e chora sem acordo.

Os prédios deteoram,  
Caindo paredes e os telhados,  
Depois da queda são retirados,  
E a voragem os devoram.

E a vila que era Vila,  
Assim vai se perdendo,  
Tudo vai morrendo,  
Numa baixa que aniquila.



VELHINHO

FUMACENTO E BOM CAMARADA

Esta história aconteceu ontem, 24/11/04 às 6 h, quando a comunidade compareceu para a primeira viagem do velhinho, depois da sofrida espera pela reforma que durou exatamente 35 dias. Para começar, o dia amanheceu com céu azul limpo, sem variação de tonalidade. Foi o dia que o Velhinho retorna, aos transportes numa viagem muito maluca, a tinta branca fazia a diferença sobre quatro rodas novas e polidas: Direção alinhada, capota remendada, chassi costurado de solda elétrica e lataria impecável. Na rua, chegando famílias, curiosos, contador de histórias e contador de piadas. Perto de nós, um florido pé de milho-cozido, bem debaixo dele uma aglomeração de morador, para o início da lotação daquela que foi a viagem inaugural -, tendo a caminhonete como coletivo. A turma se castiga e, o astro levanta a poeira; nem aí.

Ao longo da rua, algumas fruteiras, lá ao longe a saída depois das Palmeiras Imperiais que, sobrevivem por enquanto, ainda mais altas do que as casas. Também ao lado da saída há a igreja. Na praça há o lago vazio, o clube e a vendinha quase morrendo. Esta mesma praça perdeu suas alegrias. A tristeza tomou conta, é o que si ver. Nela poucos bancos, já encaçorados, uma quadra de esporte abandonada, o clube não é mais clube, é centro de convivência, fechado e triste, envolta uma grama cabeluda, o boteco e o correio desapareceram. Nas calçadas nenhum transeunte disputa espaços. Somente a Igreja Paroquial ao fundo, vigilante! A Praça Major Oswaldo de Souza sempre com aquele jeito de antes de ontem.

Alheio ao entorno, um pequeno grupo de pessoas está plantado em frente a caminhonete branca com as insígnias da Prefeitura de Angra dos Reis estampadas nas portas com o número 59 de ordem. Dentro da carroceria um palco. Uma legião de viajantes aquietam nos banquinhos duros de tábuas com magro forro, enquanto meia dúzia de pessoas observava a partida. Algumas pessoas seguram sacolas. Uma veste calça jean's - sinal de modernidade. Outra bate papo, animada. Esta já era a segunda viagem do dia, veio a terceira, e, a quarta eu fui ver com toda as minhas tralhas, como quem viaja. Ia viajar, assim entendeu todo mundo, fui e voltei do Abraão: Durante a Viagem, o motorista evolui numa bêbada, disparada velocidade, meia freada improvisada, arrancada brusca, vai o Velhinho pulando por cima de pedras salientes, caindo nos buracos, desviando de poste que passa raspando, numa velocidade que só milagre salva sem nada acontecer. No mais, compõe a viagem: um turista solitário na margem da estrada caminhando, passantes curiosos, um casal de jovem de câmera na mão balbucia; para o carro, o motorista sem poder falar com o queixo desgovernado, também balbuciu qualquer coisa; o casal de jovem veio na audiência e fazer na carroceria; vai o Goró sacolejando a, e o carro o quanto pode; e o casal de jovem lá dentro se equilibrando como podia, mais adiante repete o show, um casal de mocinhos evolui numa passarela improvisada na beira da estrada com birrolho arrolhando os ouvidos ligado no radinho, outra parada outro casal fazer lá dentro; foi convidado a montar. Prossegue! - Fizeram sinal de lá. Nada. - O motorista está sonolento no volante parado, cabeça baixa, rosto com as palpebras e bochechas descaídas, nada neste momento via e nem ouvia, novamente, faz sinal: - vai; segue; pode ir. E, o motorista nada de sair com o carro, continua parado, então, acordou e recobrou os sentidos. Oi! Percebeu que havia apagado por segundos ou talvez minuto e sai numa debandada de risco e provoca risos. Percebe os risos e fica na dele, mas conscien-



te de si; convencido do seu vício finge que não entende os risos surgidos da gafe. E segue com o pé pesado no acelerador, de quando em quando alivia o pedal e a gente ia contra a força de impulso, para frente e depois para trás. Chega ao ponto final. O público disperso da bilheteria da Barca S/A percebe o motorista assim... naquele estado na praça, às cinco e qualquer coisa da tarde da última quarta-feira de novembro de 2004, era de 50 pessoas - mais para menos do que para mais. Numa volta de manobra, dá um olé, um passageiro que ia passando teve que parar na frente do carro para esperar a ré, olhou meio assustado aquele tipo de movimento incomum, mas nada disse, somente observou e foi pra lá, sem saber o certo. Algumas pessoas se esquivaram da fumaça da descarga do Velhinho, gesticularam procurando abrigo. Vinte minutos estivemos olhando a Barca, gente que chegava, gente que saía. E, nós ali mesmos. Olhando. Sem saber o que fazia para desviar a atenção do público, talvez, olhava-se muito mais para o motorista alcoolizado, do que à Barca ou qualquer outro movimento.

Daí a pouco, chega a hora da partida para o regresso à Vila Dois Rios. No primeiro acionamento o carro não pega, o motorista pelega o motor nada, tá quieto, - vamos empurrar: veio o Carlinhos Bitta, o Guilherme e juntos fizemos o Velhinho movimentar, andar até a central que se diz das linhas telefônica da Vila, ali paramos, um pouco para descansar, depois, mais força, impulsionamos e o Velhinho que, também, parece que estava bêbado acordou num só vômito. Então, o motorista deu uma ré enfiada para o lado esquerdo onde havia uma caminhonete da PM, parada; ao lado ele passou rasgando fino, nada aconteceu, teve que ir à frente e, então, estacionar de vez. A fumaça levantou e escureceu de gases esbranquiçado, aspiramos o cheiro e esperamos ela baixar, subi no pobre, esta vez me sobra a carroceria que, já achava um luxo. O veículo começa a rodar saindo do povoado ganhando a mata, rodando toda a volta; no meu pé vem lá um litro rolando, não sei se era vinho de garrafão ou outra substância qualquer, só sei que tive de providenciar cuidado com aquilo devendo não danificar o objeto que parecia si quebrar a qualquer momento, vem mais caixa e sacola rolando. Embaraçado fui cuidando do embargo, até que deu reduzida, e o motorista faz continência à Santa ali perto no fundo da gruta, olha para a direita e tira as mãos do volante, a esquerda para descobrir a cabeça do gorro e, a outra para fazer o sinal da cruz na frente, lá vai o carro no poste de madeira que já estava a um palmo, puxa logo o volante, levando as duas mãos que já estavam desocupadas, naquele instante o carro desvia velozmente; o carona a direita no banco da possível porrada, rir, um riso fanhoso, saçástico, que não deixa dúvida do medo que sentiu o Zé. No banco de trás duas pessoas: - Monique e Marlene Campos, não sei o semblante delas como procedeu, porém, a feição foi de desaprovação de uma para outra, eu como estava lá atrás, tive sentimento de omissão. O velhinho novo se salvou daquele desastre com uma postada quase no nariz, o que seria da nossa cabeça? Circulou bastante, quando chega na Curva da Morte, outra presepada morro-acima, com o carro saindo da curva em que vinha e ganhando o local de mais pedras, um salto-mortal e sai saltitando a tampa cai pendendo para trás, abre ao cúmulo da loucura, desando bater no vidro procurando chamar atenção da cabine, parou mais em cima, salta o José Antônio e vem ajudar fechar o tampão. Que obrigou-me a socorrer volumes para não precipitar, com risco miserável. Muito assustados ficamos naquela viagem de medo do motorista alcoolizado se dizendo capaz de tudo no volante do carro velhinho pela Estrada da Colônia, entramos na reta final palmeira-adentro, ainda lembrei dos crustáceos que tinha exatamente neste trechinho da estrada no tempo antigo, quando a Vila foi fundada, era um pântano conhecido como Passagem do Caranguejo. O motorista parou na esquina da sua rua, a Pernambuco, o Velhinho morreu, o Goro deixou ali mesmo e foi tomar mais um suco de grilo na Cantina.



POEMA

PEDACINHO DE CHÃO

Vila Dois Rios:  
Paraíso perdido,  
Vegetação renovando,  
Que ninguém dá conta!

Mato brotando,  
Depois da chuvarada.  
Verde oliva,  
É a cor das suas matas!

Vento e tempestade,  
Silêncio sem fim,  
Palmeiras si beijando,  
Pensamento no fundo da cabeça!

Um sentimento no peito,  
Um pedacinho de chão.  
Folhas verdes,  
Natureza sorridente!

Matas fechadas,  
Paraíso legado.  
Ronco de macaco,  
Gorjeio de sabiá!

Chão úmido,  
Noite fresca acochegada,  
Horas gostosas,  
Céu, estrela e lua!

Mar murmurando,  
Canoa chegando,  
Relembrando o passado,  
Remoendo-me por dentro!

Encravo que aguento...  
São meus sentimentos.  
Da Vila que está morrendo!  
Depois da Cadeia que ficou no pensamento!

Domingo 22/01/06

O LAGO AZUL

Ele ficava bem no meio da linda Praça Guadalajara, a sua história começou a se descrever em 1969, quando a Seleção Brasileira de futebol se classificou para o Mundial. Seu espaço físico representava um pentágono de lados irregulares, todo forrado de azulejos e o contorno de pastilhas, iluminado a noite por três lâmpadas coloridas representando o "TRI"... Depois vou contar toda a história da praça/lago.